

Três vezes Zumbi

Lilia Moritz Schwarcz

Folha de S.Paulo, 8.5.2012

Provocativo, ensaio mostra construção social do herói negro

Quem conta um conto aumenta um ponto, e quem narra uma história adiciona outra; já se foi o tempo em que se distinguia "história" de "estória", como se a primeira fosse um poço de verdade, e a segunda, mera invenção.

A história é "filha de seu tempo", nas palavras do historiador J. Le Goff, e reconstrói fatos a partir de novas perspectivas em diálogo com seu próprio contexto.

Tendo à frente tal toada, os historiadores Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira enfrentam esse verdadeiro mito nacional chamado Zumbi dos Palmares, no livro "Três Vezes Zumbi".

Mais ainda, mostram como há uma contínua construção desse protagonista, que acabou, na falta de muitos dados a comprovar sua história, servindo a inúmeras versões.

Na literatura colonial, Palmares apareceria como um grupo que lembrava a Antiguidade clássica, e seu líder, um bravo guerreiro. No século 19, uma nova geração de intelectuais veria na sobrevivência do quilombo um empecilho para a trajetória certa que levava à civilização.

De lá para cá a história seria outra. Nos anos 1970, na ditadura, Palmares seria convertido em modelo socialista de luta de classes, e Zumbi, em "típico" revolucionário.

Mais recentemente o episódio seria reinterpretado à luz da agenda dos movimentos sociais, e o herói viraria "um negro oprimido por conta da raça". Isso para não esquecer de análises atuais que deram uma identidade gay ao personagem.

Para dar conta dessa longa travessia, os dois historiadores perpassam documentos coloniais, textos dos tempos do Império e de inícios do século 20.

Enumerando trabalhos e acentos distintos, os autores chegam até o momento presente, criticando falácias da obra de Décio Freitas ou mesmo interpretações, segundo eles, muito coadunadas com conclusões prévias e carentes de verificação.

Nessa ciranda entram nomes consagrados como Joel Rufino, Ronaldo Vainfas, Flavio Gomes e Pedro Funari.

Sem pretender discutir a oportunidade do balanço, vale questionar, porém, o suposto ineditismo da conduta. Alguns dos historiadores questionados no livro foram os primeiros a denunciar o mesmo processo de construção da memória nacional.

Com o intuito de fazer esse amplo levantamento, muitas vezes os autores do livro jogam o bebê com a água do banho: nivelam pesquisas que trazem novos dados com outras que não passam de obras de divulgação.

Interessante, também, teria sido explorar outras mídias, para além do famoso filme de Cacá Diegues ("Quilombo", 1986). As aparições culturais do líder quilombola podem ser encontradas desde o poema "Zumbi" (1914), do alagoano Jorge de Lima, até "Arena Conta Zumbi" (1965), texto de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, com música de Edu Lobo, que fazia época no teatro.

Já na luta contra o regime militar, lembre-se a VAR-Palmares, grupo cuja segunda parte do nome rendia uma homenagem ao herói negro.

Nessa larga circulação de ideias e imagens que vão convertendo Zumbi em símbolo nacional, contam-se ainda a construção do monumento em homenagem ao herói, erguido no Rio em 1986, e o tombamento da serra da Barriga, em novembro de 1985. Essa época, aliás, é também a da explosão dos bailes "black" no Brasil.

Na acelerada reinvenção da simbologia de Zumbi, talvez o último passo fosse explorar a associação do então mito com novas formas de africanidade.

"Três Vezes Zumbi" provoca o leitor, mostrando como o exercício da história é sobretudo construção social.

Como comprovam os autores, não se trata de opor um Zumbi real a outros falsos porque imaginários. Mas também não é o caso de apenas denunciar a operação: Zumbi é já um personagem carregado de sentidos.

Como num caleidoscópio, tudo vai virando matéria para novos desenhos do mito. Nosso herói, faz tempo, já deixou de ser texto para virar pretexto (e dos bons).

LILIA MORITZ SCHWARCZ é historiadora, professora titular da USP e autora de "O Espetáculo das Raças" (Companhia das Letras), entre outros